

Retorno às origens

INICIAL

Custódio, aos 17 anos, nunca tinha saído da terra onde vivia. Os pais tinham morrido quando ainda era muito novo e, desde então, morava com o avô num casinhoto, no caminho que vai para a capela.

Custódio nunca tinha visto o mar, nem navios. Nunca tinha ido a Lisboa.

Na escola, quando era mais pequeno, ficava muitas vezes de castigo por causa dos erros de ortografia.

«O meu avô é muleiro...» escreveu numa composição.

- «Moleiro» é com «o», não com «u»! - gritou-lhe a professora.

Para ele, «moleiro» era com «u». O avô andava de mula a apanhar o trigo de casa em casa. Se «mula» se escrevia com «u», quem andava de mula era «*muleiro*»...

Custódio e o avô passavam a vida no cimo do monte, no moinho. O moinho era magnífico! Velas branquinhas que brilhavam ao sol de verão. As paredes estavam sempre caiadas. As barras azuis ao fundo e no cimo davam-lhe a graça toda.

No verão, que era quando havia mais trabalho, avô e neto dormiam no moinho. Do cimo do monte, via-se toda a paisagem cá para baixo. Ao meio-dia, o sol queimava os olhos, mas à tardinha viam-se, ao longe, os montes azulados.

A aldeia ainda ficava longe. Custódio descia apenas à aldeia para comprar sardinhas, quando passava a sardinheira, para ir buscar uma garrafa de vinho ou para apanhar um saco de figos.

O moinho, como os navios, tem um mastro. O mastro põe a funcionar uma engrenagem que faz rodar as mós que moem o cereal. A engrenagem faz muito barulho, um barulho constante, bem ritmado. Para falar com o avô, Custódio tinha quase de gritar. Não falavam muito um com o outro. Não era preciso.

Em baixo, a porta aberta fazia corrente de ar. Era um bálsamo no calor da tarde.

Mas o tempo passou. A farinha industrial tomou o lugar da farinha artesanal. O avô morreu. Custódio cresceu e foi trabalhar para Lisboa. Trabalhou numa loja de ferragens e, passados uns dez anos, fez uma sociedade com um amigo e abriram uma loja própria.

O negócio ia muito bem, até ao dia em que o sócio de Custódio não apareceu na loja. Nunca mais apareceu. Nem ele, nem o dinheiro que ambos tinham no banco.

Custódio, apesar de já viver em Lisboa há muito tempo, tinha hábitos de aldeão. O hábito de guardar algum dinheiro vivo debaixo do colchão era um deles.

Era fácil decidir: com esse dinheiro voltaria à aldeia e ao moinho.

No fundo, no fundo, até se sentia aliviado. Agora não tinha nada a prendê-lo à cidade. Estava em liberdade. A liberdade dos pobres. Ia deixar a gaiola do apartamento e a gaiola da loja. Ia deixar o barulho constante do chiar do metro, do *bum-bum* da música nas lojas, da algaraviada das televisões nos cafés.

Já na aldeia, Custódio vivia com pouco ou nada. No inverno, trabalhava umas horas na taberna por um prato de comida e uma cama à noite. De verão, esperava-o o colchão no moinho.

Passaram-se outros dez anos.

Num certo dia de verão, Custódio vê um carro grande a subir o monte. Estaciona em frente à porta do moinho. O motor desliga-se e os vidros sobem. Sai de lá de dentro nada mais nada menos do que o antigo sócio. Custódio olhou-o sem expressão. Passou tantos anos sozinho que um carvalho ou a visão de uma encosta o emocionavam mais do que o rosto de uma pessoa. Mesmo sendo essa pessoa um antigo amigo ou um antigo traidor. O sócio falou e falou. Por fim, deixou-lhe um cheque com uma quantia muito boa. O triplo do que lhe tinha levado. «Roubado», pensou Custódio, mas não disse nada. Custódio não disse uma palavra.

Hoje, a vida de Custódio não é muito diferente da de há trinta anos. Só deixou de trabalhar na taberna e passou a contemplar a paisagem com muito mais serenidade. Meio milhão de euros no banco, para quem sempre teve de lutar pela sobrevivência, dá muita paz de espírito.

Ficha Técnica

Título: “Retorno às origens”

Obra: Contos com Nível A2

Autoria: Ana Sousa Martins

Editora: LIDEL

Páginas: 41-43

Ano: 2016